



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GISELLE CAMELO LIMA

**DOCÊNCIA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA ESCOLA
MUNICIPAL JOÃO PERES – QUEIMADAS/PB**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

GISELLE CAMELO LIMA

**DOCÊNCIA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA ESCOLA
MUNICIPAL JOÃO PERES – QUEIMADAS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de Graduação em
Pedagogia em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia
pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Elizabete Carlos do Vale

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732d Lima, Giselle Camelo

Docência na EJA [manuscrito] : uma experiência vivenciada na Escola Municipal João Peres - Queimadas/PB / Giselle Camelo Lima. - 2014.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Elisabete Carlos do Vale, Departamento de Pedagogia".

1. Ensino de Jovens e Adultos - EJA 2. Formação do Professor 3. Relato de Experiência I. Título.

21. ed. CDD 374

GISELLE CAMELO LIMA

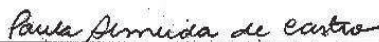
**DOCÊNCIA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA ESCOLA
MUNICIPAL JOÃO PERES - QUEIMADAS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de Graduação em
Pedagogia em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia
pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 09/12/2014



Profa. Dra. Elisabete Carlos do Vale - UEPB
Orientadora



Profa. Dra. Paula Almeida de Castro - UEPB
Examinadora



Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB
Examinadora

CAMPINA GRANDE/PB

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Ao meu pai João, a minha mãe Josenilda, as minhas irmãs Iane, Gleica e Genilza, a minha sobrinha Amanda Kalyne, a toda a minha família e amigos, e também aos meus alunos da Educação de Jovens e Adultos.

À professora Elisabete Carlos do Vale pela paciência e compreensão na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho. A todos os professores e professoras que me acompanharam durante a graduação, bem como todos aqueles que fizeram parte da minha vida escolar.

Por fim dedico a dedico mim mesma pela fé, coragem, perseverança e amor que sempre tive pelo curso e pela minha profissão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio, as minhas irmãs e a minha subrinha, que nos momentos de minha ausência dedicados aos estudos sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Obrigada também a toda a minha família pela contribuição valiosa. Aos meus amigos e amigas que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A minha orientadora e a todos os professores e professoras da UEPB, como também agradeço Universidade, pela oportunidade de fazer o curso.

“A humildade exprime, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.”

(Paulo Freire)

DOCÊNCIA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO PERES – QUEIMADAS/PB

LIMA, Giselle Camelo.¹

RESUMO

O presente artigo é fruto das experiências adquiridas e vividas na educação de Jovens e Adultos realizadas na Escola Municipal João Peres. Experiências essas que proporcionaram um melhor entendimento da realidade de funcionamento da EJA, seus desafios e conquistas, suas perspectivas futuras e sua importância na vida desses alunos. A trajetória dessa modalidade de ensino é marcada por uma história de lutas e vitórias, que ao passar do tempo só vieram a contribuir para a educação brasileira como um todo. Os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, juntamente com os conhecimentos que os discentes já traziam consigo sempre contribuíam de forma significativa para o bom andamento da aprendizagem. Para o desenvolvimento do artigo, em primeiro lugar foi feito um resgate histórico do tema, destacando algumas questões a serem consideradas. Em seguida, apresentamos uma reflexão teórica, onde foram abordadas as principais contribuições da área e o que as legislações e os documentos oficiais dizem sobre a mesma. Em seguida, apresentamos o relato das experiências desenvolvidas na escola e finalmente, as considerações finais.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Relato de Experiência. Formação de Professor.

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é uma modalidade de ensino vinculada a Educação Básica, visa oportunizar escolarização aquelas pessoas que por diversas razões não puderam estudar na idade considerada adequada. Os sujeitos de EJA em geral, são pessoas com histórias de vida difíceis e que trazem como marca principal, impedimentos de estudar e/ou repetidos fracassos escolares. São sujeitos que tiveram seus direitos negados e que inseridos numa sociedade cada vez mais mediatizada pelo conhecimento sistematizado, se vêem premidos pela necessidade de níveis melhores de estudo e de escolarização.

Assim, ao se tornarem jovens e adultas essas pessoas começam a perceber claramente a importância do conhecimento escolar em suas vidas, retornam aos bancos

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Sítio Maracajá, Queimadas/PB.

escolares em busca do que muitos chamam de “recuperar o tempo perdido”, visto que as exigências e os desafios postos pelo mundo contemporâneo são cada vez mais complexos e maiores. Por outro lado, há também aqueles que voltam à escola numa perspectiva de sentirem melhor, de resgatarem sua autoestima. Tais aspectos fazem com o debate em torno da EJA seja extremamente atual e necessário, ou como afirma Barone (1998):

O tema da educação de jovens e adultos voltou ao debate, neste final de século, com uma dimensão renovada. Neste debate, decorrente das pressões e exigências vindas do trabalho, das solicitações da vida em sociedade e do desenvolvimento cultural, como já destacado, enfatizam-se os ganhos advindos da erradicação do analfabetismo e do aumento nas taxas de escolarização da população jovem e adulta. A questão central, agora, não está referida somente aos anos de escolaridade ou certificados obtidos, mas à "capacidade" de os indivíduos serem "eficientes". Definem-se novos padrões de alfabetização, com destaque aos estudos sobre o analfabetismo funcional (BARONE,1998, p. 2).

Tais aspectos exigem um trabalho pedagógico diferenciado por parte do educador que atua nessa modalidade de ensino. Como professora que atua na EJA, entendo ser necessário dispensar um “olhar” sobre e para o cotidiano escolar dessa modalidade educativa focalizando essencialmente, a prática pedagógica na EJA e os referenciais que lhes dão sustentação. Desse modo, a escolha pela modalidade Educação de Jovens e Adultos como área do presente trabalho decorre principalmente, de nossa vivência docente em classes de EJA, o que proporcionou um melhor conhecimento sobre a realidade da modalidade e dos sujeitos que a compõe, visto que ao se tornarem jovens e adultas as pessoas começam a perceber claramente a importância do conhecimento em suas vidas, se não tiveram ainda a chance de obtê-lo vão à busca do mesmo.

A EJA tem um papel fundamental na sociedade favorecendo a reinserção no universo escolar, de muitas pessoas que não conseguiram frequentar a escola quando crianças. Durante meu pouco tempo de experiência na Educação de Jovens e Adultos, busquei favorecer um espaço de diálogo e troca de conhecimento, juntamente com meus alunos, onde o saber de cada um é considerado e valorizado. Entendo que para atuar na Educação de Jovens e Adultos é imprescindível ao educador conhecer o que é essa modalidade de ensino, como a mesma foi se construindo historicamente, qual a sua importância para a democratização da educação brasileira e, principalmente, quais os

principais limites, problemas e dificuldades para que a mesma se constitua como política pública.

Vale salientar que nosso interesse pela temática deve-se a partir de dois aspectos: primeiro, por vivenciar a experiência como professora numa turma de EJA na cidade de Queimadas/PB, desde o ano de 2011, através da qual pude perceber que existe um diferencial entre atuar na EJA e atuar no chamado ensino regular, principalmente no que se refere aos sujeitos que a constituem, seus saberes, suas dificuldades e suas possibilidades de aprendizagem. O outro aspecto está relacionado aos estudos realizados no Componente Curricular “EJA”, oferecido no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), os quais me motivaram buscar um maior aprofundamento teórico sobre temática. Desse modo, a partir dessa experiência teórico/prática, me interrogava sobre a importância da educação de jovens e adultos para a vida das pessoas que voltaram a frequentar a escola depois de adultas, bem como a importância do educador que atua nessa modalidade de ensino: suas funções, objetivos e sujeitos.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: LIMITES E DESAFIOS.

A preocupação com a educação de adultos no Brasil não é recente, esta, de acordo com Haddad e Di Pierro (2000) data desde o período da colonização do Brasil com a chegada dos portugueses no século XVI se viu a necessidade de tentar instruir os nativos que aqui já viviam, portanto:

Se olharmos para a educação brasileira, desde o período colonial, poderemos perceber que ela tinha um cunho específico direcionado às crianças, mas “indígenas adultos foram também submetidos a uma intensa ação cultural e educacional”. A Companhia Missionária de Jesus tinha a função básica de catequizar (iniciação à fé) e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas que viviam na colônia brasileira. Com a saída dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e emprego da educação. A identidade da educação brasileira foi sendo marcada então, pelo elitismo que restringia a educação às classes mais abastadas. As aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), excluindo-se as sim as populações negras e indígenas. Dessa forma, a história da educação brasileira foi sendo demarcada por uma situação peculiar que era o conhecimento formal monopolizado pelas classes dominantes. (STRELHOW, 2010, p. 1).

No geral, tal estrutura organizativa da educação brasileira durou por todo período do Brasil Colônia e Império. Após a independência do Brasil, foi promulgada a Constituição Federal de 1824, nela segundo Strelhow (2010), se buscava um melhor significado para a educação, garantindo-a, pelo menos no que dizia respeito ao ensino primário, gratuitamente a todos os cidadãos. Vale salientar que nessa época os cidadãos eram as pessoas que tinham grandes posses, ou seja, a educação gratuita era para uma pequena parcela da população. Mesmo assim, ainda de acordo com Strelhow (op. cit), essa proposta de educação primária gratuita só ficou no papel, apenas com o Ato Institucional de 1834 é que as províncias passariam a se responsabilizar pelo ensino primário e secundário para todas as pessoas, principalmente jovens e adultas, entretanto, a esse ensino se daria um caráter missionário e caridoso.

Conforme Gentil (2005) a primeira escola noturna do Brasil surgiu no ano de 1854 e anos mais tarde em 1876 já somavam um número de 117 estabelecimentos, que visavam instruir os escravos e orientar os homens do povo quanto aos seus direitos e deveres. De acordo com o autor a propagação das escolas noturnas também se deu pelo fato de que a sociedade estava passando por um período de mudanças, “começou a ser industrial e urbana, surgiu a necessidade de se ter domínio do conhecimento e que se apresentasse algumas habilidades de trabalho, de modo que a escola passou a assumir a função de educar para a vida e para a aprendizagem do trabalho” (GENTIL,2005, p. 3).

No início do século XX, as discussões referentes à educação da população começam a ser mais discutidas, especialmente, com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918 e com a reorganização da sociedade capitalista que a partir da industrialização e a urbanização, “forma-se a nova burguesia urbana e estratos emergentes de uma pequena burguesia exigem o acesso à educação, esses segmentos aspiram por uma educação acadêmica e elitista, enquanto que o restante da população continua analfabeta e inferiorizada” (GENTIL, 2005, p. 3).

Entretanto, é somente a partir da década de 1930, com as mudanças políticas e econômicas que a educação de adultos passa a ter maior, assim, com a Constituição de 1934 a Educação ganha destaque e anos mais tarde na década de 1940, os discursos referentes à educação de jovens e adultos ganham força, nessa época “aconteceram inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas de peso entre elas podemos citar o FNEP, o INEP e a CEAA” (GENTIL,2005, p. 4).

De acordo com Sampaio (2009) outros dois momentos importantes para a educação de adultos no Brasil foram o fim da era Vargas, juntamente, com o surgimento da UNESCO, que via os investimentos na educação e na melhoria da vida como algo que contribuiria para o fortalecimento da educação para a paz, contribuindo assim para superar os desgastes sofridos pós a guerra.

No início da década de 1960, as discussões em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 4.024/61) e, conseqüentemente, as lutas por educação pública de qualidade contribuíram para o surgimento de inúmeros movimentos sociais de cultura e educação popular. Tais movimentos foram fortemente influenciados pelas ideias do educador pernambucano Paulo Freire que via na educação uma perspectiva de transformação social e a educação de adultos em particular, uma ação político educativa importante para a formação da consciência crítica das pessoas analfabetas. Assim, Paulo Freire se torna a “figura principal de um movimento que começa a perceber esta modalidade educativa sob o ponto de vista de seu público” (SAMPAIO, 2009, p. 8). Na perspectiva freireana a realidade e a identidade do sujeito são elementos essenciais da prática educativa. Para Freire (2009):

O atributo cultural, acrescido do restritivo de classe, não esgota a compreensão do termo ‘identidade’. No fundo, mulheres e homens nos tornamos seres especiais e singulares. Conseguimos, ao longo de uma grande história, deslocar da espécie o ponto de decisão de muito do que somos e do que fazemos para nós mesmos individualmente, mas na engrenagem social sem a qual não seríamos também o que estamos sendo. No fundo, nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos (FREIRE, 2009, p. 97).

O Golpe Militar de 1964 interrompeu os movimentos de educação e cultura popular de adultos que tinham como referência os princípios Freireanos de educação. Para “cobrir” o vácuo deixado por esses movimentos ligados a educação de adultos, os militares criaram o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), e em 1974 implantaram o chamado ensino supletivo.

No século XXI a educação de adultos é caracterizada por realizações de fóruns e conferências e principalmente pela criação de políticas públicas, que buscam uma maior eficiência em sua realização. A partir do Governo Lula o combate ao analfabetismo e as políticas voltadas para a EJA ganham maior visibilidade, assim, o governo se propôs a desenvolver programas de ações e incentivos para todos os adultos analfabetos

aprenderam a ler. Programas como o Brasil Alfabetizado; Escola Ideal; Escola de Fábrica; Projovem e Proeja, foram criados a fim de cumprirem com os objetivos de melhorar a situação do analfabetismo e da aquisição de conhecimento em diversos níveis da população brasileira. Portanto, é possível perceber que a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é permeada por desafios, problemas e conquistas.

No que se refere à legislação e a EJA, a década de 1990 é bastante significativa para a EJA, principalmente a partir da nova Constituição Brasileira promulgada em 1988 que garante a educação como direito de todos os cidadãos, independente da idade e como dever do Estado. Para Porcaro (2011), além da Constituição Federal, a década de 1990 traz algo de novo para o cenário educacional brasileiro a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), que reafirma o preceito constitucional de que a educação é dever do Estado que deve assegurar o direito a educação para todas as pessoas independente da idade.

A LDB dedica uma seção e dois artigos à EJA (Seção V, Artigos 37 e 38) reafirmando o que já tinha sido enfatizado no artigo 208, da Constituição de 1988, “Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (LDB, seção V, art. 37º, p.32).

Como a grande parcela dos alunos da EJA são trabalhadores, a LDB realça o papel que o poder público tem e que sempre “viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.” (LDB, seção V, art. 37º, p.33), além de buscar promover uma educação profissionalizante para os mesmos. Além do acesso garantido a permanência também deve ser assegurada, em virtude de que muitos desses alunos e alunas precisam muito mais do que saber ler e escrever, é preciso dar continuidade nos estudos, quanto a isso o Artigo 38º da LDB prevê que “Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular” (LDB, seção V, art. 37º, p.33).

Reafirmando a educação como um direito, a definição de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para EJA, instituídas pelo Conselho Nacional da Educação (CNE)

por intermédio da Câmara da Educação Básica (CEB) pelo Parecer n.11/2000², configura-se como perspectiva inclusiva do direito à educação (PAIVA, 2009) de uma parcela da população que por diversas razões não concluiu os estudos na idade adequada. É a partir das DCNs que o ensino fundamental e médio via EJA aparecem como possibilidades concretas do direito à escolarização de alunos jovens e adultos. No artigo 1º da resolução define-se o seguinte

Esta Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos a serem obrigatoriamente observadas na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional nos diversos sistemas de ensino, à luz do caráter próprio desta modalidade de educação” (Resolução CNE/CEB, art. 1º, p. 1).

De acordo com Soares (2002) as DCNs definem três funções essenciais da EJA: a Função Reparadora que além de restaurar um direito negado, também garante “o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano” (Soares, 2002, p. 34); a Função Equalizadora que busca garantir “a reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada, (...) deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas” (Soares, 2002, p. 38). E por fim a Função Qualificadora que se apresenta como um convite “a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade” (Soares, 2002, p. 41).

As Diretrizes Curriculares da EJA também ressalta necessidade de se ter clareza sobre qual o perfil do estudante jovem e adulto, compreendendo que:

O Perfil do educando da Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais. Entre esses fatores, destacam-se: o ingresso prematuro no mundo do trabalho, a evasão ou a repetência escolar” (DCNS EJA, 2006, p. 29).

² As DCNs foram fundamentadas pelo Parecer CNE/CBE n.11/2000, que teve como relator o Prof. Carlos R. Jamil Cury, membro do CNE, e aprovadas pela Resolução CNE/CEB de 5 de julho de 2000.

Em relação ao currículo, as DCNs apontam para a necessidade de se pensar o currículo para a EJA a partir de três grandes eixos articuladores: cultura, trabalho e tempo como articuladores de toda a ação pedagógica curricular.

Outro documento que também trata da Educação de Jovens e Adultos, mais precisamente do currículo, é a Proposta Curricular da EJA para o primeiro segmento. De acordo com essa proposta curricular é preciso pensar as práticas pedagógicas da EJA considerando o perfil dos educandos, o contexto social, as diversidades cultural e letrada. Quanto ao perfil dos educandos, os sujeitos da EJA não são apenas os jovens e adultos analfabetos, mas também aqueles que não dominam adequadamente a leitura e a escrita, ou que não cumpriram quatro anos no mínimo de escolaridade, visto que também é uma tarefa da EJA garantir a continuidade nos estudos.

Quanto ao contexto social a proposta apresenta dimensões importantes que devem ser consideradas em se tratando da EJA, a dimensão econômica que deve considerar os fatores tecnológicos e a disputa no mercado de trabalho; a dimensão política que remete as transformações políticas no contexto em que estão envolvidos e a dimensão cultural que considera, sobretudo, as vivências cotidianas dos discentes. Quanto à diversidade cultural, a proposta ressalta a importância de se compreender a diversidade e a heterogeneidade como elementos importantes da sala de aula dessa modalidade de ensino (RIBEIRO, 2001).

Quanto aos conteúdos são distribuídos em Língua Portuguesa, Matemática e Estudos da Sociedade e da Natureza, em cada tópico desses conteúdos são apresentados os fundamentos, os objetivos e os blocos de conteúdos referentes a cada área, conteúdos esses que devem sempre fazer ligações com a realidade dos educandos.

Em relação ao planejamento é importante que esteja voltado para o conhecimento prévio, e que a avaliação seja contínua e produzida diariamente, cabendo ao docente tentar executar as atividades pedagógicas sempre da melhor maneira possível, principalmente no que se refere ao planejamento, pois, “A elaboração de bons planos didáticos exige uma grande dose de criatividade do professor e um conhecimento razoável de como se realiza o processo de aprendizagem dos conteúdos” (RIBEIRO, 2001, p. 210).

3. DOCÊNCIA NA EJA: UMA REFLEXÃO SOBRE A MINHA PRÁTICA DOCENTE.

Leciono na educação de jovens e adultos na Escola Municipal João Peres, localizada no Sítio Maracajá, no município de Queimadas/PB, desde 2010, período esse em que minha escolaridade era o Ensino Médio completo. A EJA é ofertada nessa escola desde o ano de 2010, inicialmente, com o Programa Brasil Alfabetizado desenvolvido em um período de oito meses, com aulas de segunda a quinta feira. No ano seguinte (2011), a escola passou a ofertar as séries iniciais do primeiro segmento da EJA através de uma turma multisseriada, a partir de então a Secretaria de Educação do Municipal exigiu para atuação nessa modalidade, o professor tivesse formação em nível ou que estive cursando.

No meu primeiro contato como professora da EJA foi importante perceber que os alunos, embora nunca tivessem ido à escola ou mesmo que tivessem frequentado por pouco tempo, possuíam conhecimentos bastante enriquecedores que ajudariam no planejamento das aulas. Desse modo, na primeira semana de aula, embora a maioria dos alunos já se conhecesse, procurei realizar atividades em que cada um refletisse sobre sua identidade enquanto sujeito histórico, seus desejos, suas frustrações, seus sonhos e expectativas em relação ao processo de escolarização.

Partir da necessidade de se compreender quem são os sujeitos da EJA contribuiu para que eu pudesse perceber que a complexidade de ser professor dessa modalidade de ensino, não está somente em ser professor, mas sim ter a sensibilidade de perceber que os alunos de EJA são jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, que trazem uma história de vivências de desigualdades sociais perante o mundo e a escola. São alunos que precisam ser compreendidos como sujeitos socioculturais constituídos por percursos próprios de inserção no mundo, onde a cultura, a razão, o afeto e a vida em sociedade podem conduzir os diversos caminhos da existência, conforme ressalta Gentil (2005).

Entendemos que, como os alunos da EJA já vêm com uma experiência de vida, o professor deve levar em conta essa bagagem ao preparar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, pois, ao voltar à sala de aula, esses sujeitos buscam além do conteúdo, mecanismos que promovam um resgate da sua autoestima, seu desenvolvimento pessoal.

No decorrer do período de experiência na EJA, comprovamos que os educandos só irão se empenhar em processos de aprendizagem que tragam para a sala de aula assuntos sobre os quais eles se interessam ou que estejam relacionados com o seu universo. Conseguindo se identificar nesse contexto, eles irão formar suas conclusões e

construir as sínteses necessárias para o seu novo saber. Ou seja, o educando jovem e adulto, espera aprender melhor sobre aquilo que já sabe para depois elaborar o processo de aprendizagem sobre aquilo que é desconhecido, ampliando os próprios interesses e horizontes.

A partir dessa compreensão, definimos trabalhar os conteúdos das várias áreas de conhecimentos de forma contextualizada, buscando utilizar os mais variados textos. No que se refere à área de Língua Portuguesa, a proposta curricular destaca que:

A área de Língua Portuguesa abrange o desenvolvimento da linguagem oral e a introdução e desenvolvimento da leitura e escrita. Com relação à linguagem oral, o ambiente escolar deve propiciar situações comunicativas que possibilitem aos educandos a ampliação de seus recursos linguísticos. Em outras palavras, os educandos devem aprender a planejar e adequar seu discurso a diferentes situações formais e informais. Com relação à linguagem escrita, além da compreensão e domínio dos seus mecanismos e recursos básicos, como o sistema de representação alfabética, a ortografia e a pontuação, é essencial que os educandos compreendam suas diferentes funções sociais e conheçam as diferentes características que os textos podem ter, de acordo com essas funções. Todos sabem quão distintas são as linguagens que se usam numa carta de amor, numa bula de remédio, num jornal e numa enciclopédia. Por isso, além dos tópicos que normalmente compõem os currículos de Língua Portuguesa, esta proposta curricular traz indicações de como trabalhar com textos escritos de modo a possibilitar que os educandos conheçam e experienciem suas diferentes modalidades. A aprendizagem da escrita exige ainda o desenvolvimento da capacidade de análise linguística e o aprendizado de palavras que servem para descrever a linguagem (RIBEIRO, 2001, p. 51-52).

Assim, os conteúdos da Língua Portuguesa, por exemplo, procuramos trabalhar através de variados textos (de todos os gêneros – Poesia, prosa, receita, fábulas, etc.) contidos ou não nos livros didáticos, o mais importante é que os mesmos tenham uma ligação com a realidade dos educandos e também possam contribuir para a sua formação mais ampla. Utilizamos o alfabeto móvel na sala de aula, principalmente, junto aos alunos que ainda não lêem ou escrevem por este ser um importante recurso para os alunos compreenderem a formação do sistema alfabético. Outras atividades trabalhadas com os alunos são as de recorte, colagem e escrita, este tipo de atividade contribui para exercitar a coordenação motora fina, as noções de associação e percepção, a produção escrita, etc.

Para estudar as sílabas, foi criado o silabário móvel, com a mesma ideia do alfabeto móvel só que com as famílias silábicas, com isso os alunos identificavam e

aprendiam as famílias silábicas, nos trabalhos direcionados com o silabário móvel era solicitado que os discentes identificassem as famílias e formassem palavras usando as mesmas, também foi proposta uma disputa onde quem formasse o maior número de palavras ganhava um pirulito. Também era incentivadas trocas de bilhetes simples para um colega da sala, que haviam retirado em um sorteio, os que não sabiam escrever eram ajudados a anotar uma frase para o companheiro, depois de terminarem trocavam novamente os bilhetes e liam em voz alta, para os que não sabiam ler corretamente era escolhido um voluntário que fizesse isso por eles, após a leitura cada um ia pegar o alfabeto móvel e o silabário móvel e reproduzir o bilhete ou a frase.

No quesito pontuação foram explicadas de maneira acessível à função de cada acento, depois a sala foi dividida em quatro grupos que recebia um cartaz cada, em um grupo ficava um cartaz com um poema, o outro ficava com um cartaz de notícia, o outro ficava com um de receita e o outro com um de bilhete, todos esses cartazes não eram acentuados e os alunos recebiam uma fichinha com os acentos e a atividade era colocá-los no lugar adequado nos cartazes, quando todos os grupos terminavam tudo era exposto e se tivesse algum erro era consertado coletivamente.

No que se refere à grafia das letras e palavras, percebemos que os alunos da EJA conseguem escrever e identificar melhor a letra cursiva do que a bastão. Para trabalhar esses dois tipos de letras, procuramos fixar cartazes na parede da sala para que os alunos visualizem sempre os vários tipos de letras presentes nos diversos tipos de textos que fazem parte do cotidiano de todos. Desse modo, procuramos misturar nos cartazes as letras cursivas e bastão, maiúsculas e minúsculas. Já nas atividades de leitura e interpretação de texto procuro trabalhar a partir de rodas de leitura, utilizando diversos gêneros textos de dentro do contexto sociocultural dos alunos. Leio o texto para os alunos, primeiramente, procurando estabelecer uma discussão com os alunos sobre o que diz o texto, depois os alunos fazem a sua leitura para posteriormente, trabalhar as atividades de escrita.

Para fazer com que percebessem a diferença da fala para a escrita trabalhamos com ditados onde cada aluno falava uma palavra e todo mundo tinha que escrever como escutou, e depois de terminado o ditado se fazia a correção mostrando a forma correta de escrever a palavra e explicando que não escrevemos como falamos, pois a língua portuguesa tem suas regras. Conforme é afirmado na Proposta Curricular para a EJA, na escola, o professor deve criar situações em que os educandos exponham e reconheçam

aquilo que já sabem sobre a escrita. E aí, “baseado no que os alunos já sabem é que o professor poderá decidir que novas informações fornecer, para quais aspectos chamar a atenção, de modo que o aluno vá elaborando seus conhecimentos até chegar a um domínio autônomo desse sistema de representação” (RIBEIRO, 2001, 53).

Saber matemática torna-se cada vez mais necessário no mundo atual, por isto é de fundamental importância que a aprendizagem matemática que os jovens e adultos desenvolvam seja significativa e contribua para a sua melhor inserção social. Como muitos alunos têm dificuldades em matemática, procuramos trabalhar os conteúdos de maneira prazerosa, a partir dos conhecimentos que os alunos já têm, pois, muitos mesmo sem saber ler e escrever sabem contar e sabem também a sequência dos números, porém, no geral têm dificuldades de escrever a representação numérica.

Como acontece com outras aprendizagens, o ponto de partida para a aquisição dos conteúdos matemáticos deve ser os conhecimentos prévios dos educandos. Na educação de jovens e adultos, mais do que em outras modalidades de ensino, esses conhecimentos costumam ser bastante diversificados e muitas vezes são encarados, equivocadamente, como obstáculos à aprendizagem. Ao planejar a intervenção didática, o professor deve estar consciente dessa diversidade e procurar transformá-la em elemento de estímulo, explicação, análise e compreensão. Muitos jovens e adultos pouco ou nada escolarizados dominam noções matemáticas que foram aprendidas de maneira informal ou intuitiva, como, por exemplo, procedimentos de contagem e cálculo, estratégias de aproximação e estimativa. Alguns chegam a manejar, com propriedade, instrumentos técnicos de alta precisão. Embora tenham um conhecimento bastante amplo de certas noções, poucos são os que dominam as representações simbólicas convencionais, cuja base é a escrita numérica (RIBEIRO, 2001, p. 100).

Para representar os números de um a vinte tudo bem, mas quando partia do vinte em diante a coisa complicava, por exemplo, ao invés de escreverem 26 escreviam 206, pois acreditavam que teriam que colocar o número 20 e o número 6, a melhor forma encontrada para contornar essa situação foi trabalhar os números naturais já explicando as unidades dezenas e centenas, feito as devidas explicações a cada duas semanas era feito um bingo onde os alunos além de estarem participando da brincadeira e concorrendo a um prêmio (coisa simples) ainda estariam aprendendo a forma correta dos numerais, e embora o bingo não contasse com números maiores que cem, eles já tinham a noção da escrita dos números, o bingo além de promover a aprendizagem matemática também era rotativo, quem ganhasse seria o próximo a dar o prêmio e assim

sucessivamente, todos ganhavam e perdiam como na vida real.

Quanto as operações foram feitas atividades onde os alunos não conhecessem apenas a prática das operações, mas também os conceitos de cada uma delas e sua aplicabilidade, as situações problemas propostas sempre envolviam questões do dia a dia dos alunos, as operações nunca eram trabalhadas separadas, mas sim em conjunto com outros conteúdos e outras disciplinas.

No sistema de numeração decimal foi feita uma minifeira, cada aluno trouxe um rótulo de alimentos e colocaram em uma mesa e atribuíram preços a cada um dos rótulos, em seguida foi distribuídos notas de dinheiro em brinquedo e também moedas de brinquedo, a sala foi dividida em duplas e enquanto uma dupla eram os vendedores as outras os compradores, e iam reversando entre si de modo que todo mundo era comprador e vendedor.

Ao lado da construção do sentido numérico e da compreensão das regras do sistema decimal de numeração, o estudo das operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) é parte essencial da aprendizagem matemática neste nível de ensino e vai além de saber fazer cálculos com lápis e papel. Assim, desenvolvemos atividades que favorecessem o conhecimento por parte dos alunos, dos conceitos matemáticos e sua aplicabilidade, as situações problemas propostas sempre envolviam questões do dia a dia dos alunos, as operações nunca eram trabalhadas separadas, mas sim em conjunto com outros conteúdos e outras disciplinas.

Nas questões referentes a pesos e medidas a compreensão se deu de duas maneiras, na primeira foi levada uma balança até a sala de aula e os alunos trouxeram alimentos e objetos para serem pesados na sala, nessa atividade os alunos comparavam os pesos dos objetos realizando operações para saber quem pesava mais ou menos; em um segundo momento, foram medidos e pesados os próprios alunos e no caderno eles responderam quem era o mais alto, o mais baixo, o mais gordo, o mais magro, qual a diferença de peso ou de altura do aluno a em relação ao aluno b.

Na medida de comprimento expliquei separadamente as principais questões, no milímetro o uso da régua foi indispensável, visto que cada aluno possuía uma, com ela foram medidos os materiais escolares deles, no centímetro foi utilizada a fita métrica, nos metros, a atividade de casa consistia em, quando viessem para escola deveriam contar quantos postes de energia elétrica tinha da casa deles até a escola, pois a distância de um poste a outro é de cinquenta metros e se, por exemplo, existisse quatro postes

nesse percurso, se faria a seguinte operação $50 \times 4 = 200$, o que representaria duzentos metros da casa dele até a escola, entendido o metro foi dito que para cada mil metros, se fazia um quilômetro, e que a cada vinte postes (mil metros) existia um quilômetro.

No conteúdo possibilidades, foi criado o dia do suco, onde conforme sugerido no livro didático cada educando traria uma fruta diferente, para fazerem diversas possibilidades possíveis de combinações de sabores de suco, onde depois anotavam no caderno as combinações feitas.

Na medida de tempo foram trazidos diversos tipos de relógio para a sala de aula, foi perguntado se eles tinham outras maneiras de ver a hora, e explicaram que existem os celulares, o tempo, e o sol para se orientarem. Depois foram feitas algumas indagações, tais como: O que você pode fazer em um minuto? Dá para fazer alguma coisa em um segundo? E logo em seguida foram criadas situações problemas envolvendo a realidade de cada um. Para a explicação dos gráficos foi construído o gráfico da faixa etária da sala de aula.

As operações usando decimais não foram muito bem encaradas pelos alunos, a melhor solução para fazer com que entendessem como se dá o processo foi a utilização das contas de luz, onde os alunos somavam o que consumiam e pagavam em determinado número de meses, subtraíam uma quantia de dinheiro pelo preço da fatura para saber quanto restava de troco, multiplicava o número padrão estabelecido pela empresa de energia pela quantidade de quilowatts gastos no mês, para saber a quantia a ser paga pelo uso da energia, após a atividade da soma das faturas dividiam um salário mínimo pelo resultado para saber se ele dava para pagar as contas.

Todas as questões relacionadas a matemática e língua portuguesa, sempre faziam pontes com outros componentes curriculares, como História, Geografia, Ciências e até Artes, pois a interdisciplinaridade é um fator importante no planejamento das aulas, além de sempre escolher conteúdos e metodologias que estejam ligados a realidade dos aprendizes, o docente deve sempre promover a união dos componentes.

É importante também salientar que alunos e alunas da EJA sempre têm uma história para contar, de algo que aconteceu no seu dia a dia, ou que já faz algum tempo que aconteceu, as aulas de história são bastantes ricas, visto que em muitos daqueles acontecimentos que estão sendo relatados eles já ouviram falar ou até mesmo viveram em períodos importantes, como por exemplo, muitos foram testemunhas do Golpe militar de 1964, do processo de redemocratização do país, entre outros períodos

importantes. Na maioria das vezes a aula é montada mediante o que os alunos trazem em sua memória, nada deve ser perdido, o planejamento deve ser adaptado a realidade do momento. Algo que faz esses educandos se valorizarem enquanto sujeitos atuantes da história é a valorização da sua própria história de vida, da história da sua família, da sua comunidade, da sua cidade, etc., histórias essas que eles mesmos ajudaram a construir.

Viver na Zona Rural, trabalhar e tirar o seu sustento da roça é a realidade de muitos deles, que mesmo aposentados ainda trabalham durante o dia e vem contar suas experiências e expectativas durante a noite, promover atividades que mostrem a importância do rural e do urbano, das paisagens rurais e urbanas, mostrar que os dois ambientes fazem parte da constituição do povo e do nacional é importante, além de conhecer melhor esses espaços eles também aprendem a respeitá-los.

Promover a cidadania também é outro fator importante nas salas de aula da EJA, o educando tem que compreender mais a fundo que ele é um cidadão que têm direitos e deveres que devem ser respeitados, e que podem através de sua existência e do cumprimento de suas obrigações, serem capazes de participar, sugerir e resolver situações dentro de sua própria comunidade.

O estudo do espaço e dos fenômenos que ocorrem na natureza também fatores que despertam a curiosidade dos alunos jovens e adultos, muitos deles possuem conhecimentos populares que são passados de geração em geração, nas aulas sobre meteorologia, por exemplo, são capazes de envolverem com o assunto e opinarem dizendo que sabem como interpretar sinais no céu e se vai chover ou não naquele dia.

Em relação aos temas ligados a saúde e ao corpo humano, os discentes sempre se interessam por conhecer mais e mais, pois muitos deles conhecem alguém que tem, e muitos deles próprios possuem doenças como hipertensão, diabetes, entre outras, que merecem sempre ser discutidas.

A promoção de uma alimentação saudável e de uma boa qualidade de vida foi tema do projeto saúde na escola, projeto esse que ao longo de uma semana, buscou conscientizar os alunos e alunas a terem os devidos cuidados com a higiene e a alimentação, as rodas de conversa sempre eram muito produtivas, nelas ao mesmo tempo em que aprendiam também demonstravam suas sabedorias e experiências de vida.

Em cima de tudo que se fazia em sala de aula consistia a avaliação, a mesma se

dava de forma contínua, todos os aspectos vividos eram avaliados de forma a contribuir com o crescimento do aprendiz, e se por acaso fosse observado que ao longo do processo alguma coisa não andava bem, era então procurada a melhor intervenção possível para que se chegasse ao resultado esperado, nenhum aluno sabe mais ou sabe menos, todos tem algo que contribui para o desenvolvimento das aulas e da avaliação de cada um.

Vale salientar que procuramos trabalhar os conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática de forma interdisciplinar, fazendo relação com outros componentes curriculares como História, Geografia, Ciências e Artes, pois a interdisciplinaridade é um fator importante no planejamento das aulas, além de sempre escolher conteúdos e metodologias que estejam ligados a realidade dos alunos, devemos sempre promover um ensino que não compartimentalize os conhecimentos dos alunos.

Por fim outro momento importante é o planejamento que sempre deve ser feito com antecedência, uma vez que ao planejar aulas para a Educação de Jovens e Adultos o docente tem que primeiramente conhecer bem sua turma e ser criativo, pois todo o desenvolver da aula deve ser pensado para eles, para o conhecimento e para as experiências que o professor ou a professora sabe ou deduzem que eles tenham, deve ser flexível e aberto as mudanças que vão ocorrer no momento da aula, é importante também a organização e o aproveitamento do tempo da aula (que é de aproximadamente duas horas e meia) contam muito para a aprendizagem desse público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos, assim como qualquer outra etapa de ensino, proporciona ao docente um aprendizado ímpar, com inúmeros aprendizados adquiridos na maioria das vezes com os próprios discentes, visto que muitos trazem consigo saberes que devem ser compartilhados.

Durante o convívio na EJA, foi possível observar que os alunos e alunas sempre estavam muito interessados em debater os assuntos. Procuravam realizar da melhor maneira possível suas atividades, se sentiam melhores, mais valorizados, se algo estivesse dando errado eram os primeiros a apontar os problemas e tentar procurar soluções que contornassem a situação. Trabalhar com jovens e adultos não é apenas ensinar conteúdos curriculares, mas também criar uma relação saudável e aconchegante, saber valorizar a identidade de cada sujeito, compreender que cada um tem suas

limitações e tentar ajudar, compreender que a compreensão de mundo que possuem foi construída ao longo de anos de experiências e, que qualquer que seja o motivo que os impediu de frequentar a escola quando crianças, a sua busca por escolarização, mesmo que tardia, tem que ser vista como o resgate de um direito negado.

Outro importante ponto que o trabalho com jovens e adultos nos proporcionou, foi o fato de nos fazer perceber que o professor não deve se portar como o dono do saber, para isso, ele deve ter em mente que o momento de sua aula é também uma oportunidade de ele mostrar que o aluno ocupa o seu lugar no mundo e que o momento em sala deve ser enriquecido com algo que dê vontade do educando de voltar a estudar. Assim, entendemos que professor de EJA não deve se portar como o dono do saber, como aquele que está sempre certo. Este deve sempre avaliar sua prática docente e se auto-avaliar, visto que como afirma Paulo Freire, “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blabláblá e a prática, ativismo” (Freire e SHOR, 2011, p.35). A aula, portanto, deve ser vivenciada a partir de uma perspectiva emancipatória, libertadora e não manipuladora, pois, conforme nos ensinou Paulo Freire “A manipulação, por exemplo, também cria mitos da realidade” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 280).

No que se refere às dificuldades para atuar na EJA, estas são diversas. Uma delas está relacionada ao próprio retorno dos jovens e adultos aos bancos escolares. Na escola em que atuo, muito alunos se matriculam na EJA por influência e/ou por convite do professor, pelo fato de receber algum benefício, como bolsa/dinheiro, não por convicção dele próprio de querer voltar a estudar, isso faz com que muitos desses alunos tenham uma frequência irregular e/ou abandonem as aulas. Outras dificuldades enfrentadas pelo professor são a desmotivação e o cansaço do aluno, resultado muitas vezes, de trabalhos estafantes realizados pelos mesmos durante o dia, problemas estes que redundam em outra dificuldade maior na EJA que é evasão. Muitas vezes, a matrícula no início do período letivo na EJA é em torno de vinte e cinco alunos, no entanto, ao final do período esse número diminui consideravelmente.

Existem outros fatores não menos importantes, como: falta de material didático voltado para a EJA; falta de formação continuada para os professores que atuam na EJA, falta de prioridade para com essa modalidade de ensino por parte das instituições de ensino e dos poderes públicos, entre outros. No que se refere a formação do professor, esta é pouco trabalhada, tanto na formação inicial vivenciada nos cursos de

licenciatura, quanto em relação a formação continuada ofertada pelas redes de ensino, seja municipal, estadual ou federal. Esses aspectos fazem com que, muitas vezes os docentes que atuam na EJA não tenham noção do que seja a Educação de Jovens e Adultos, confundindo-a com a educação de crianças ou adolescentes, a partir da realização de atividades descontextualizadas que infantilizam os adultos e não levam em conta seus conhecimentos e experiências de vida. Entretanto, embora a EJA ao longo da sua história seja marcada por inúmeras dificuldades e desafios, que nos impõe a perceber que ainda há muito que percorrer, que avançar, visto que em muitas escolas onde a modalidade existe não se dá a assistência necessária e devida, muitas vezes os educandos são privados de algo que lhes é seu por direito, cabe, assim aos profissionais da educação, como também a sociedade em geral e os poderes públicos, lutar por um melhor reconhecimento da Educação de Jovens e Adultos.

Portanto, a Educação de Jovens e Adultos tem muito que contribuir não apenas para aquelas pessoas que estão buscando um conhecimento a mais (visto que já possuem conhecimentos e experiências de vida paralelos as salas de aula), mas também para os docentes que encaram esse desafio, para os órgãos públicos que se encarregam de organizá-la, para as universidades que recebem cada dia mais questões referentes a esse assunto, como também a toda a sociedade em geral, que passa a ter a responsabilidade de lutar pela democratização e direito de todos a educação..

ABSTRACT

This article is the result of experience gained and experienced in Youth and Adult Education held at the Municipal School John Peres. These experiences that have provided a better understanding of the operating reality of adult education, its challenges and achievements, its future prospects and its importance in the lives of students. The trajectory of this type of education is marked by a history of fights and victories, which over time only came to help Brazilian education as a whole. The work done in the classroom, along with the knowledge that students have always brought with it contributed significantly to the smooth progress of learning. For the development of the article, was first made a historical theme, highlighting some issues to consider We then present a theoretical reflection, where they were addressed the main contributions of the area and what the laws and official documents say about the same. Next, we present a report on the experiences of school and finally, the final considerations.

Keywords: Education for Youth and Adults. Experience Report. Teacher training.

REFERÊNCIAS:

- BARONE, Rosa Elisa M. **Educação de Jovens e Adultos: Um tema recorrente.** Universidade Federal de Santa Catarina, 1998. Disponível em <http://www.senac.br/>. Acesso em: 16 nov. 2014.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 16 nov.2014.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de Dezembro de 1996. Disponível em: www.portal.mec.gov.br. Acesso em: 16 Nov.2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- _____. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do Professor.** 13ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).
- GENTIL, Viviane Kanitz. **EJA: Contexto histórico e desafios da formação docente.** Disponível em <http://www.cereja.org.br>. Acesso em 11 Out. 2014.
- HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos.** Revista Brasileira de Educação. 2000. Nº 14. Disponível em <http://anped.org.br>. Acesso em 11 de Out. 2014.
- LINS, Lucélia T. OLIVEIRA, Verônica de L. B.(Org.). **Educação popular e movimentos sociais: aspectos multidimensionais na construção do saber.** João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2008.
- LEITE, Sandra Fernandes. JACOMELI, Mara. **A educação de jovens e adultos no governo Lula.** 2012. Disponível em www.grupos.com.br. Acesso em 11 de Out. 2014.
- MACHADO, Maria Margarida. **A trajetória da EJA na década de 90 – Políticas públicas sendo substituídas por “solidariedade.”** 2011. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/76811836/Trajectoria-Da-Eja-Decada-de-90-Maria-Margarida-Machado>. Acesso em 11 de Out. 2014.
- PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil.** 2011. Disponível em www.pedagogiaunifeso.webnode.com.br. Acesso em 11 Out. 2014.
- RIBEIRO, Vera M. (Coord.). **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento.** São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.
- SAMPAIO, Maria Narciso. **Educação de Jovens e adultos: Uma história de complexidades e tensões.** Dossiê temático: Educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/>. Acesso em 10 Out. 2014.
- SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática.** 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Leônicio José Gomes. **Diretrizes curriculares para a Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

STRELHOW, Thyeles Bocarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. In: **Revista HISTEDBR On-line**. N. 38, Campinas, SP, 2010. Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br> Acesso em 24/09/2014.

VALE, Elizabete C. **A educação de jovens e adultos nos contextos de escolarização e as possibilidades de práticas educativas emancipatórias**. Rio de Janeiro: UERJ/PROPEd, 2012 (Tese de Doutorado).